

TRÊS AMIGOS



Creio que ninguém poderá desmentir-me se escrever que fui a primeira e única amiga de Sherlock Holmes, o famoso detetive. No entanto, quando nos conhecemos, ele ainda não era detetive e muito menos famoso. Eu tinha doze anos, ele pouco mais.

Era verão.

Julho, mais precisamente. Dia 6.

Ainda me lembro do momento em que o encontrei pela primeira vez. Estava sentado a um canto, entre as paredes de pedra do bastião, mesmo em cima da muralha,

de costas contra a hera. Atrás dele só se via o mar, um infinito azul-escuro e vibrante. E gaivotas flutuando no céu, desenhando elegantes espirais.

O meu amigo estava sentado com o queixo apoiado nos joelhos e incrivelmente concentrado num livro, como se daquela leitura dependesse algo de fundamental para o mundo inteiro.

Acho que nunca teria reparado em mim, e que nunca nos teríamos conhecido, se eu não tivesse ficado curiosa perante tamanha concentração e não o tivesse incomodado.

Uma vez que acabava de chegar a Saint-Malo, perguntei-lhe se ele vivia ali.

Respondeu-me sem levantar sequer o olhar do livro.

— Não — respondeu. — Vivo numa casa, na Rue Saint-Saveur, no número 49.

«Que raio de sentido de humor!», pensei. Claro que não vivia *ali*, em cima dum bastião assomado sobre o mar! «*Touché*», pensei na mesma.

E percebi que o desafio entre nós os dois já tinha começado.

Era uma forasteira.

Acabava de chegar a Saint-Malo depois de uma longa viagem de carruagem de Paris. Estávamos de férias, e a ideia de passá-las todas em Saint-Malo fora da minha mãe.

Eu não estava feliz: estava empolgadíssima. Até àquele momento, só tinha visto o mar uma ou duas vezes, nas raras ocasiões em que acompanhara o meu pai até Calais, de onde ele embarcara para a Inglaterra, e uma vez em Sanremo, na Itália. Diziam-me que era demasiado pequenina para me poder lembrar, mas eu lembrava-me mesmo daquele mar. Lembrava-me mesmo.

A ideia de ter de passar todo o verão de 1870 numa estância balnear, portanto, parecera-me magnífica. E, por mim, até seguiria a sugestão do meu pai, que dizia sempre: «Fiquem mais tempo, se quiserem. Não têm obrigação nenhuma de regressar a Paris!»

A verdade, contudo, era que a minha mãe preferia viver na cidade. E eu, depois do verão, deveria de ter regressado à escola... se não tivesse sido aquele verão. O verão que mudou toda, mas mesmo toda, a minha vida.

A viagem fora terrível. A culpa não tinha sido da carruagem, que o meu pai alugara sem poupar dinheiro, como sempre quando se tratava de cuidar de mim ou da minha mãe. Era uma carruagem digna de um rei, com quatro cavalos pretos, um cocheiro que usava um barrete e os estofos cobertos de almofadas de seda chinesa. No entanto, seis horas de viagem, sob o olhar cruzado da minha mãe e do senhor Nelson, pareceram-me realmente eternas.

O senhor Nelson, Horácio, era o mordomo negro da casa Adler. Era muito alto, falava pouco e estava constantemente preocupado comigo. A maioria dos criados já tinha saído na semana anterior, para preparar aquela que seria a nossa casa de férias, e o senhor Nelson tinha sido o único a ficar connosco.

E não tirava os olhos de cima de mim.

E, sempre que podia, repetia: «Talvez não seja boa ideia, menina Irene.» «Talvez não seja boa ideia», estava sempre a dizer.

Talvez tenha sido também por esta razão que, assim que tive ocasião, desapareci e encaminhei-me pelo trilho ventoso que desembocava no bastião de Saint-Malo.

A nossa casa de férias era uma pequena moradia com dois andares. Pequena mas muito graciosa, com uma grande claraboia no telhado e com aquelas janelas que os ingleses chamam de *bow window*, «janelas em arco», e que eu, quando era miúda, apelidava de «janelas barrigudas».

Havia um alpendre coberto de glicínias e muitas heras que tapavam a fachada da casa. A minha mãe comentara: «Oh, céus, deve estar sempre cheia de bichos», e eu demorei um tempinho até entender o significado das suas palavras.

Percebi-o alguns dias mais tarde, quando deixei abertas as janelas do quarto e, na manhã seguinte, encontrei uma pequena serpente no chão.

— Talvez não seja boa ideia, menina, deixar as janelas abertas durante a noite — comentou o senhor Nelson, severo, entrando no quarto.

De seguida, pegou num dos ferros da lareira e eu gritei:

— Nem pensar, senhor Horácio Nelson!

Então ele suspirou, pousou o ferro, agarrou no animal e comentou:

— Deixe-me, pelo menos, levar o seu convidado para o quintal.

Nelson era uma pessoa severa, mas, de vez em quando, sabia fazer-me rir.

Assim que saiu do quarto, juntamente com o meu «convidado», a porta do armário abriu-se de repente, revelando o rosto alongado de um rapaz. O segundo grande amigo daquele longo verão. Chamava-se Arsène Lupin, como o famoso ladrão cavalheiro. Só que, naqueles dias longínquos, ainda não tinha começado a sua gloriosa carreira como charmoso ladrão internacional. E nem sequer era um cavalheiro, uma vez que tinha apenas um par de anos mais do que eu e poucos menos do que Sherlock Holmes.

Mas, como poderão facilmente imaginar, agora que sabem os nomes dos meus amigos, naquele verão aconteceram muitas coisas que merecem ser recordadas.

Portanto, é melhor eu começar do princípio.